



ESCRavidÃO AO SUL DO BRASIL, CAÇAPAVA 1821-1850¹

André do Nascimento Corrêa²

Estrutura de posse de escravos em Caçapava

Para esta pesquisa, foi criada uma planilha de dados no *Excel for Windows 2007*, no qual foram inseridos os elementos coletados nos inventários *post mortem* abertos em Caçapava,³ entre 1821 e 1850. Nesse banco de dados, na parte referente aos escravos, foi possível caracterizar, dentre outras coisas, o tamanho dos plantéis existentes na localidade estudada. Além disso, foi possível demonstrar a percentagem de inventários com e sem escravos e questões referentes à suas origens, sexo, naturalidade, dentre outros.

Na tabela 1, pode ser visualizado o percentual de inventários que tiveram cativos arrolados e avaliados. Ali também se pode verificar a distribuição desses processos nas distintas décadas, esse é o primeiro passo para verificar o quanto a posse cativa estava distribuída pelos diferentes plantéis da localidade de Caçapava. Pela grande quantidade de inventários com escravos, acreditamos que a propriedade cativa estava espalhada por diversos estratos sociais. Isso nos possibilita mostrar o quanto à escravidão estava presente no Brasil Imperial,⁴ atingindo diversas localidades no Sul do Brasil. Assim como já vem sendo mostrada por algumas pesquisas de outros autores, ter escravos não era uma exclusividade das charqueadas ou para uso doméstico. Mas também das grandes, médias e pequenas propriedades pecuaristas existentes na região sul.⁵

¹ Este texto trata-se de uma parte de minha dissertação de mestrado intitulada *Ao Sul do Brasil Oitocentista: escravidão e estrutura agrária em Caçapava, 1821-1850*.

² Doutorando pelo Programa de Pós-Graduação em História da Universidade do Vale dos Sinos - Unisinos. Mestre pelo Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal de Santa Maria – UFSM. Bolsita CAPES. andrecorreacp@gmail.com

³ Caçapava do Sul no século XIX apenas Caçapava, é uma cidade do Estado do Rio Grande do Sul, localizada no centro-sul do Estado.

⁴ Trataremos nosso recorte temporal (1821-1850) como sendo Brasil Imperial, embora saibamos que este só se deu no ano de 1822.

⁵ Ver trabalhos de Osório 2007; Farinatti 2010; Araújo 2008; Matheus 2012; entre outros.



Tabela 1 – Percentual de inventários *post mortem* que apresentaram escravos (Caçapava, 1821-1850)

Inventários	Década 1820	%	Década 1830	%	Década 1840	%	TOTAL
Com escravos	25	83%	57	86%	49	92%	130
Sem escravos	5	17%	9	14%	4	8%	18
TOTAL	30	100%	66	100%	52	100%	148

Fonte: 148 inventários *post mortem* de Caçapava, 1821-1850. Cartório de Órfãos e Ausentes, Cível e Crime.

Ao verificar os dados da tabela 1, percebe-se a grande supremacia de inventários com cativos na vila de Caçapava. Em todos os recortes, encontramos mais de 80% dos processos com ao menos um escravo. Na média geral do período estudado, 88% dos inventariados possuíam escravos. Esses dados se tornam ainda mais significativos, quando consideramos que esta região, pelos elementos que encontramos nos inventários, caracteriza-se esta localidade como detentora de meios produtivos de pequeno porte.⁶

Cruzando nossos dados com outras regiões que utilizaram o mesmo tipo de fonte, conseguimos perceber algumas semelhanças. No estudo realizado por Natália Pinto (2012) para Pelotas, área de charqueada e de maior urbanização do que Caçapava, entre 1830 e 1850, a autora trabalhou com 186 processos *post mortem* com escravos de um total de 215 inventários. Isso representa 86,51% de inventários com escravos.⁷ Para região de Alegrete, entre 1831-1850, onde havia a predominância da grande pecuária, Luís A. Farinatti trabalhou com uma amostragem de 74 processos, apontando que 84% possuíam escravos arrolados em seus bens.⁸ Em um trabalho para Cruz Alta, entre os anos de 1834-1849, cuja sua área era de pecuária de médio porte e agricultura, Thiago L. Araújo (2008) mostrou que 73% dos inventários eram de proprietários de escravos.⁹ Helen Osório (2007) com uma amostra de 541 inventários, referentes a todos os distritos do Rio

⁶ CORRÊA, André do N. *Ao Sul do Brasil Oitocentista: escravidão e estrutura agrária em Caçapava, 1821-1850*. Santa Maria: UFSM-PPGH, 2013, (Dissertação de Mestrado).

⁷ PINTO, Natália. *A Benção Compadre: Experiências de parentesco, escravidão e liberdade em Pelotas, 1830/1850*. Universidade do Vale do Rio dos São Leopoldo Unisinos-PPGH, 2012. (Dissertação de Mestrado).

⁸ FARINATTI, Luís A. *Escravos do Pastoreio: Pecuária e escravidão na fronteira meridional do Brasil (Alegrete, 1831-1850)*. Revista Ciência e Ambiente, n. 33 (jul/dez, 2006) Santa Maria: UFSM, 2006.

⁹ ARAÚJO, Thiago Leitão de. *Escravidão, fronteira e liberdade: políticas de domínio, trabalho e luta em um contexto produtivo agropecuário (vila de Cruz Alta, província do Rio grande do Sul, 1834-1884)*. Porto Alegre: PPGH/UFRGS, 2008. (Dissertação de Mestrado)



Grande de São Pedro, em um período correspondente a 1765-1825, encontrou 87% dos inventariados eram proprietários de escravos.¹⁰ Isso mostra um alinhamento da localidade estudada nessa pesquisa, com a realidade de outras regiões do sul do Brasil. Ainda que elas tivessem destinações produtivas e características sociais diversas, as diferentes regiões comparadas ficaram entre 73% e 88% de inventariados com cativos em seus patrimônios, sendo notável que Caçapava, mesmo se tratando de uma região de economia modesta, possuía médias equivalentes ou mesmo ligeiramente superiores aos demais municípios. Relativo às médias de escravos, ver gráfico 1.

É claro, não podemos esquecer que os inventários *post mortem* não representam a totalidade social de uma região. Ao contrário, como se tem alertado na historiografia, neles está mais representada a faixa mais abastados naquela sociedade.¹¹ Contudo, mesmo tendo em conta essa característica da fonte, as análises feitas nos inventários demonstram que, muitos dos inventariados de Caçapava eram de médios e pequenos produtores.¹²

Por sua vez, a difusão da propriedade cativa é mais um fator a demonstrar Caçapava como uma sociedade mais complexa do que se poderia imaginar, pois se trata de um município que tinha as suas unidades produtivas ligadas à necessidade da mão de obra escrava. Talvez, para estes habitantes, fosse mais fácil adquirir no mínimo um escravo do que pagar pelo serviço de peões livres. Entendemos que, nesta localidade, ter escravos não era exclusividade dos grandes pecuaristas. Adquiriam escravos também médios e pequenos pecuaristas, assim como, agricultores, lavradores dentre outros. Por outro lado, essa difusão da posse de escravos e sua utilização em diversas atividades econômicas não era uma prerrogativa do Rio Grande do Sul, mas parece ter sido comum a várias regiões do Brasil. Bert Barickman já mencionou algo nesse sentido, para região do Recôncavo baiano “senhores de engenho, lavradores de cana e de fumo e roceiros, todos compravam escravos, mas em quantidades bem diferentes, e os tamanhos dos plantéis variavam muitíssimo”.¹³

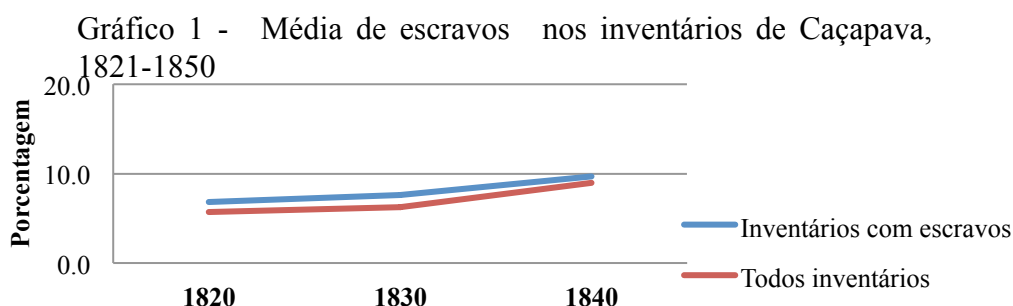
No gráfico 1, podemos visualizar as médias de escravos por inventário, ao longo das três décadas aqui analisadas, para região de Caçapava.

¹⁰ OSÓRIO, O Império Português ao Sul da América: estancieiros, lavradores e comerciantes. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2007.

¹¹ FRAGOSO, João. PITZER, Renato. *Barões, Homens Livres Pobres e Escravos*: Nota sobre uma fonte múltipla – inventário *post-mortem*. In.: Revista Arrabalde. Ano I, nº2, set/dez. 1988.

¹² CORRÊA, 2013.

¹³ BARICKMAN, Bert. *Um Contraponto Baiano*: açúcar, fumo, mandioca e escravidão no Recôncavo, 1780-1860. Civilização Brasileira. Rio de Janeiro, 2003, p. 237.



Fonte: 148 inventários *post mortem* de Caçapava, 1821-1850. Cartório de Órfãos e Ausentes, Cível e Crime.

Fizemos uma divisão por décadas, para uma melhor visualização de cada período. Além disso, apresentamos uma linha com o total de processos e outra somente com os inventários que possuíam escravos arrolados, para termos uma noção do geral e do específico na média de cativos.

Contando somente os processos com cativos, na primeira década, a de 1820, temos uma média de 7 escravos para cada unidade produtiva. Nesse período, quando acrescentando todos os inventários a média cai para 6 cativos, isso com um total de 30 processos para este primeiro recorte analisado.

Já na década de 1830, temos uma média de 8 escravos para cada proprietário com cativos. Somando os processos sem escravos essa média passa para 6 cativos por inventário, isso em um universo de 66 processos. No decênio de 1840, as médias foram ainda mais altas, chegando a 10 escravos para cada proprietário e de 9 cativos para o total dos processos, tendo 52 inventários ao total.

Podemos observar que as médias ao longo do tempo tendem também a sofrer um acréscimo, tanto os processos que continham escravos, como também o universo geral dos processos. Desse modo, a média das três décadas para os proprietários era de 8 cativos, e chegando a 7 cativos para todos os inventários do recorte analisado. Estes são números bem representativos, ainda mais quando levamos em conta as especificidades econômicas da região.

Dentre de todos os padrões que encontramos nas análises dos inventários, foi possível averiguar uma elevação da presença de escravos na década de 1840, nossa hipótese para explicar esse aumento se dá principalmente em virtude de um crescimento endógeno, no qual há uma maior porcentagem de crianças na década de 1840 do que nas demais. Outro fator que contribui para essa



hipótese foi a diminuição no percentual de africanos. Isso ficará mais claro quando for tratado mais adiante, juntamente com a análise das faixas etárias.¹⁴

A quantidade de escravos era maior em algumas localidades, principalmente onde havia uma economia mais desenvolvida, como a charqueadas de Pelotas e a pecuária de grande vulto existente na região da campanha, como em Alegrete. No entanto, o gráfico 1 deixa claro a existência de uma média não desprezível de cativos nos estabelecimentos agrários de Caçapava, o que só reforça a ideia da necessidade de ter ao menos um escravo por unidade produtiva.

Ao comparar esses valores com outra localidade que também tinha na pecuária a sua base econômica, visualizamos que a região de Caçapava era bem abastecida de cativos. Por exemplo, ao comparar a média encontrada aqui de 7 cativos com a média geral encontrada em Alegrete por Farinatti que era de 10 escravos para cada unidade produtiva,¹⁵ fica mais visível que a presença escrava nessa região de Caçapava era de extrema importância para as atividades econômicas desempenhadas pelos diferentes núcleos familiares. Essa comparação é válida para termos uma noção de duas regiões que possuíam economias distintas, Alegrete era região de uma pecuária com um número elevado de grandes produtores, ou seja, era mais rica que a de Caçapava. Vale lembrar também que Farinatti não trabalhou com todos os inventários, mas sim uma mostra com os que possuíam bens agrários.¹⁶

Essa média de escravos de Caçapava era bem expressiva, até mesmo quando cruzada com outras regiões de Brasil, com produção pecuária, para um período semelhante. Por exemplo, podemos comparar esses dados com aqueles presentes no trabalho, realizado por Flávio Rabelo Versiani e José Raimundo O. Vergolino, também tendo como fonte os inventários *post mortem*. O estudo destes autores é para a região do Sertão e do Agreste de Pernambuco, entre os anos de 1770 a 1849, sendo uma zona de pecuária e fora da área açucareira. Na região do Sertão a média era de 6,8 escravos para cada proprietário, já para o Agreste a média sobe para 8,1 escravos.¹⁷ Portanto, há semelhanças entre essas regiões com Caçapava quando trata-se da média de escravos.

¹⁴ CORRÊA, 2013. p. 93.

¹⁵ FARINATTI, 2006.

¹⁶ Ibid, 2006.

¹⁷ VERSIANI, Flávio Rabelo & VERGOLINO, José Raimundo Oliveira. *Posse de Escravos e Estrutura da Riqueza no Agreste e Sertão de Pernambuco: 1777 – 1887*. Est. Econ., São Paulo, V.33, Nº2. P. 353 – 393. Abril – Junho 2003.



Os dados da tabela 2 vem corroborar uma média semelhante a de muitas outras regiões do Sul do Brasil e de outras localidades brasileiras com produção para o mercado interno. Como já havíamos mencionado anteriormente, esta região não continha grandes plantéis. No entanto, havia uma considerável disseminação de escravos em pequenas escravarias, como pode ser visualizado na tabela a seguir.

Tabela 2 – Estrutura de posse de escravos (Caçapava, 1821-1850)

F T P	Número de Proprietários	%	Número de Escravos	%
De 1 a 5	72	55%	190	18%
De 6 a 9	27	20%	202	19%
De 10 a 20	22	18%	300	28%
Mais de 20	9	7%	380	35%
Total	130	100%	1072	100%

Fonte: 148 inventários *post mortem* de Caçapava, 1821-1850. Cartório de Órfãos e Ausentes, Cível e Crime. FTP= Faixa de Tamanho de Plantel.

A soma de senhores que estavam distribuídos entre os plantéis que tinha de 1 a 5 e 6 a 9 era de 99, isso representava 75%, estes proprietários possuíam uma soma de 392 cativos. Essas duas faixas da tabela 2 representavam 37% de todos os escravos presentes nessa análise. Essa grande concentração de pequenos proprietários de escravos não é exclusividade de Caçapava. Marcelo S. Matheus em sua pesquisa sobre escravidão em Alegrete, entre 1829 e 1849, apontou que 70,5% dos plantéis estavam entre 1 e 9 cativos. Auxiliou-nos, também, o levantamento de dados realizado por Marcelo Matheus para outras regiões, por exemplo;

Tiago Araújo observou que cerca de 76% dos proprietários tinham entre 1 e 9 escravos em Cruz Alta entre 1834 e 1849; Natália G. Pinto ressaltou que em Pelotas, 69% eram de pequenos senhores; já J. Scherer demonstrou que mais de 80% dos senhores estavam nessa faixa de plantel em Rio Grande. Do mesmo modo, comparando com algumas pesquisas para outras regiões do Brasil, permanece a preponderância de pequenos proprietários. Déborah dos Reis, utilizando-se de inventários e listas nominativas, enfocando o município de Araxá, em Minas Gerais, encontrou mais de 80% de pequenos senhores entre 1826 e 1848. Por fim, também, através de inventários, Kátia L. Almeida, estudando Rio de Contas, na Bahia, notou que quase de 75% dos senhores tinha até 10 cativos. Ou seja, esta dispersão da posse escrava parece ter sido a tônica em muitas regiões do Brasil imperial até 1850.¹⁸

¹⁸ MATHEUS, Marcelo S. *Fronteiras da Liberdade: escravidão, hierarquia social e alforrias no extremo sul do Império do Brasil*. São Leopoldo: Oikos, Editora Unisinos, 2012. p. 59-60.



Percebe-se que, na análise comparativa feita por Marcelo Matheus, cabe perfeitamente um cruzamento com nossos dados. Todas essas porcentagens apontaram uma realidade muito semelhante na forma das estruturas dos plantéis, independente da região. Esse é o dado marcante, essa semelhança entre regiões diversas, tanto no que se refere ao percentual de inventários com escravos quanto no que tange à preponderância dos pequenos plantéis. Também encontramos em nossa análise informações que corroboram as análises anteriores. Assim, caracterizando a região de Caçapava como detentora de uma grande quantidade de pequenos plantéis, mas não sendo a única realidade da localidade no período estudado.

Na faixa da tabela 2, em que os tamanhos dos plantéis são formados por escravarias que continham de 10 a 20 cativos, representa 18% em nossa mostra. Sendo estes os proprietários que estavam em um patamar mediano, no que diz respeito à quantidade de cativos. Esses 22 proprietários eram donos de 300 escravos, o que representa 28% de todos os cativos arrolados nos processos analisados para esta pesquisa.

A última faixa na tabela 2 corresponde ao que podemos chamar de grandes proprietários de escravos. Ali, dois dos nove senhores de escravos possuíam em suas escravarias mais de 50 cativos cada um. Portanto, não é por acaso que este seleto grupo era detentor de 380 escravos, o que representava 35% dos cativos, a média dentro desse grupo era de 42 escravos por escravaria. Os nove senhores de escravos representavam apenas 7% dos proprietários, mas possuíam as maiores escravarias.

Dito isso, podemos deduzir o quanto era importante para os produtores agrários de Caçapava ter ao menos, um cativo para auxiliar a mão de obra familiar ou trabalharem totalmente nas atividades de suas unidades produtivas, independente do que fosse produzido nas mesmas. Visualizamos a diferença no tamanho de seus plantéis, desde os que tinham um escravo para os que tinham mais de 20. Na tabela 3, podemos examinar o processo de reprodução da mão de obra escrava, levando em conta o seu tamanho de plantel.



Tabela 3 – Estrutura de posse de escravos por década (Caçapava, 1821-1850)

	<i>Período 1821-1830</i>		<i>Período 1831-1840</i>		<i>Período 1841-1850</i>	
FTP	<i>Proprietários</i>	<i>Escravos</i>	<i>Proprietários</i>	<i>Escravos</i>	<i>Proprietários</i>	<i>Escravos</i>
1 a 5	56%	23%	63%	19%	46%	15%
6 a 9	24%	27%	16%	15%	25%	20%
10 a 20	16%	31%	14%	23%	21%	31%
Mais de 20	4%	19%	7%	43%	8%	34%
Total:	100%	100%	100%	100%	100%	100%

Fonte: 148 inventários *post mortem* de Caçapava, 1821-1850. Cartório de Órfãos e Ausentes, Cível e Crime.

Quando é feita uma análise década por década, fica visível a variação e também a manutenção das escravarias de Caçapava ao longo do período estudado. De tal maneira, a média de proprietários para os três momentos do estudo na faixa de 1 a 5 cativos, não foi menor que 55%. No período de 1821 a 1830, as faixas (1 a 5 e 6 a 9) que eram os pequenos escravistas, somavam juntas 80%, das escravarias, tendo 50% dos escravos da primeira década nas suas senzalas. Ou seja, esse primeiro dado aponta para uma sociedade com um número alto de pequenas escravarias. Esses dados praticamente se mantiveram para estes dois estratos na década de 1830, o valor em porcentagem foi de 79%, e a representatividade de escravos caiu para 34%. Já para a dezena de 1840, o que se visualiza é uma redução um pouco mais significativa, chegando os valores dessas faixas a 71% de proprietários, e os escravos somando 35%. Portanto, os valores das duas primeiras faixas da tabela 3 ainda são bem maiores que 50% em todas as décadas, isso no que tange seus proprietários. Já os cativos destes estratos não se mantiveram com porcentagens semelhantes aos da década de 1820, em que estes representavam 50% dos escravos daquela dezena. Ocorreu sim uma queda para 34 e 35% respectivamente nas décadas de 1830 e 1840.

Na faixa dos médios proprietários que eram os que possuíam de 10 a 20 cativos, os valores não oscilaram muito. Na primeira década, a de 1820, a quantidade de proprietários era de 16%, estes eram donos de 31% dos escravos arrolados naquela dezena. Esses valores baixaram suas porcentagens para a dezena de 1830, estes senhores de escravos eram 14%, e o plantel de cativos representava 23% dos escravos desta década de 1830. Uma redução de 8% em relação ao período



anterior. Já para a última dezena, o que visualizamos foi um aumento tanto dos proprietários quanto dos escravos. Os valores dos médios proprietários de 10 a 20 cativos, para a década de 1840 eram de 21% de senhores de escravos. Já os cativos representavam 31% para o período em questão.

Por fim, no estrato dos grandes senhores de escravos, ou seja, dos que tinham mais de 20 cativos, as porcentagens foram as seguintes: para a década de 1820, os proprietários representavam 4%, mas tinha 19% dos escravos arrolados nos inventários da década. Na dezena de 1830, estes senhores aumentaram seu número, chegando a 7%, e tinham 43% dos escravos arrolados, ou seja, um aumento de 22% de escravos para esta faixa dos maiores escravistas. Para década de 1840, a porcentagem de senhores de escravos era de 8%, já os cativos somavam 34%, isso representou uma baixa 9% em relação ao período anterior. Essa alteração na década de 1830 se deve à presença de um maior número de inventários com escravos, pois a configuração geral dos plantéis era semelhante, havendo grandes, médios e pequenos senhores nessa dezena.

Com essa análise mais detalhada década por década, fica mais visível a evolução das escravarias de Caçapava. Percebe-se um percentual alto de senhores de escravos nas faixas de pequenos plantéis, mostrando o quanto a escravidão estava disseminada na região. Nas três décadas, a maioria de proprietários estava nos estratos de (1 a 5) e (6 a 9) cativos, sendo sempre superior a 60% a quantidade de senhores nessas faixas. Na década de 1820, estes dois estratos tinham de 50% dos escravos arrolados nos inventários, ou seja, algo extremamente relevante para essa análise, mostrando o quanto a escravidão estava presente nessa sociedade. É certo que as porcentagens para as duas décadas seguintes não seguiram tão altas, mas assim mesmo, bem representativos, pois não baixou dos 30%, certamente pelos dados que os inventários nos mostram, ter escravos era algo extremamente difundido nas unidades produtivas. E pelo que se viu, no caso daqueles que chegaram a ter inventários realizados, era mais fácil uma unidade produtiva ter ao menos um cativo do que não possuir escravos.

De fato, havia uma grande distinção no que tange à esfera social e à envergadura econômica dos senhores de escravos, e isso fica visível quando visualizamos a concentração de escravos com um pequeno grupo de grandes senhores. Com certeza, eram muito diferentes as lógicas e, possivelmente, também as relações escravistas entre a enorme maioria de pequenos senhores e aquele pequeno círculo da elite escravista, com seus grandes plantéis. São mundos escravistas bastante diferentes, dentro da mesma região, que não se limitam às questões econômicas, mas no



que diz respeito à relação entre *senhor-escravo* dentro deste universo de distintas unidades produtivas.

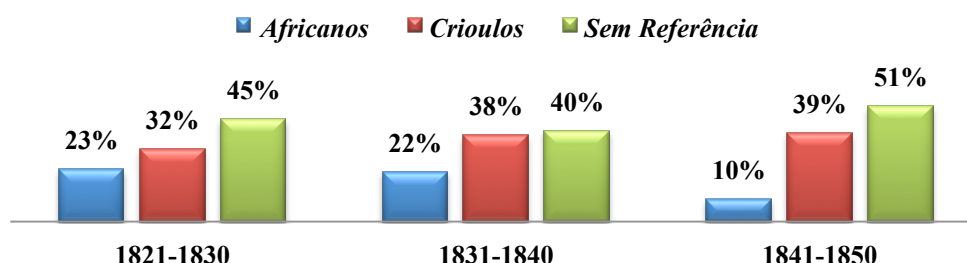
Homens africanos, mulheres crioulas: origem e sexo dos escravos em Caçapava

A caracterização da população escrava de Caçapava passa pela identificação de algumas diferenças existentes entre os cativos que é preciso salientar. Por exemplo, em relação às origens, apontando a quantidade de crioulos e africanos presentes no recorte temporal aqui pesquisado, será possível, dependendo da quantidade de africanos arrolados nos processos, sinalizar para um maior ou menor contato desta localidade com o tráfico de escravos. Por sua vez, o número de crioulos, principalmente se combinado com a análise do percentual de crianças escravizadas, pode sinalizar para uma maior ou menor reprodução endógena.

Os dados do gráfico 2 apontam as porcentagens gerais da origem dos escravos, divididos por década. Ali, incluímos todos os cativos arrolados nos processos. Em um segundo momento, será apresentado os dados excluindo os cativos que não tiveram declarada a referência de sua origem. Isso, para não termos distorções na análise dos escravos com origem, e para podermos realizar as devidas comparações com outras regiões.

O que visualizamos na sequência do gráfico 2 é uma diminuição gradativa dos escravos africanos e o aumento dos crioulos. No entanto, os escravos sem referência literalmente distorcem a análise, mas tínhamos que visualizar o geral de cativos, pois somente assim teríamos uma noção da representatividade destes para a soma geral de escravos que passava dos mil cativos. Vejamos:

Gráfico 2 – Porcentagem de todos os escravos por década
(Caçapava, 1821-1850)



Fonte: 148 inventários *post mortem* de Caçapava, 1821-1850. Cartório de Órfãos e Ausentes, Cível e Crime.



A presença de escravos sem referência de origem é muito alta nos três períodos analisados, não baixando dos 40%, chegando ao topo de 51% dos cativos na década de 1840, ou seja, mais da metade de todos os escravos arrolados naquela dezena. Já na tabela 4, pode ser visualizada a quantidade e as respectivas porcentagens, estas referentes às origens dos escravos arrolados nos inventários de Caçapava, especificadas por década, já retirados os cativos sem referência.

Tabela 4 – Número de escravos com origem por década (Caçapava 1821-1850)

Décadas	1820		1830		1840			
	<i>Escravos</i>	%	<i>Escravos</i>	%	<i>Escravos</i>	%	<i>Total</i>	%
Africanos	39	41%	93	37%	47	20%	179	31%
Crioulos	55	59%	160	63%	185	80%	400	69%
Total com ref.	94	100%	253	100%	232	100%	579	100%

Fonte: 148 inventários *post mortem* de Caçapava, 1821-1850. Cartório de Órfãos e Ausentes, Cível e Crime. ref. = referência.

Um ponto significativo foi a aquisição de cativos africanos por parte de alguns senhores, isso nos faz pensar em uma economia que no mínimo dava suporte destes terem ao menos um escravo africano em seu plantel. Ainda mais que esta região tinha sua base econômica centrada na pecuária de pequena monta, e tinha a companhia das atividades agrícolas, que também eram de pequeno porte. Isso não daria um suporte econômico suficiente para a aquisição de um plantel numeroso de escravos de nação, a não ser pelos grandes proprietários de gado *vacum*.¹⁹

Dito isso, ao examinar a tabela 4, esta nos mostra com bastante clareza que, ao longo das três décadas aqui trabalhadas, tivemos uma variação na composição das porcentagens entre africanos e crioulos, ocorrendo uma diminuição no plantel dos africanos. Estes representavam, na década de 1820, 41% dos escravos com referência, essa porcentagem caiu para 37% na década seguinte e, desceram ainda mais na dezena de 1840, chegando a 20%. Média geral em porcentagem era de 31% de escravos africanos contra 69% de cativos crioulos.

É interessante que a década de 1840 apresenta uma ampliação no percentual de inventários que possuíam escravos e também um aumento na média de escravos por inventário. Ou seja, a

¹⁹ CORRÊA, 2013.



combinação desses dois fatores permite afirmar que houve um aumento da difusão da propriedade escrava em Caçapava. Porém, nessa década, também ocorreu uma diminuição importante no número de africanos, ou seja, uma criouliização da população escrava presente nos inventários. Isso se deveu à diminuição da aquisição de africanos, o que ocorreu também em Alegrete, nessa década.²⁰

Já a redução nas percentagens de africanos pode ser explicada, talvez, por alguns elementos como, por exemplo, uma dificuldade econômica desta localidade na manutenção de seu plantel de escravos “de nação”. Isso pode ser associado também com uma maior concorrência na compra de africanos com outras regiões que eram detentoras de um maior potencial econômico, como por exemplo, Pelotas com suas charqueadas e a pecuária de grande monta de Alegrete.

Para Caçapava, encontramos um percentual de africanidade baixo, chegando a 31% como média das três décadas estudadas. Se comparado com os valores apontados por Manolo Florentino e Roberto Góes, para o Rio de Janeiro, fica visível a disparidade nos três recortes temporais estabelecidos pelos autores anteriormente citados, que são 1790 a 1807; 1810 a 1825 e 1826 a 1830, respectivamente estes recortes tiveram 51,3, 61,1 e 51,1% nas taxas de africanidade, ou seja, podemos dizer que é outro universo quando comparamos as escravarias da *plantation* com as que encontramos para nossa região estudada.²¹

Para região Cruz Alta, que possuía características econômicas semelhantes às de Caçapava, Thiago Araújo apontou em sua dissertação de mestrado que a população escrava de Cruz Alta apresentava 33% de africanos.²² Alegrete possuía 42,4% de africanos em suas escravarias,²³ já Cruz Alta e Caçapava, estas duas regiões possuíam um equilíbrio na soma de escravos africanos, isso mostra que a envergadura econômica da pecuária regional era sim um condicionante forte da ligação com o tráfico negreiro. Porém é claro, as regiões de pecuária mais rica compravam um maior número de africanos, com isso conseguiam estar mais conectadas ao tráfico. Por outro lado, a grande maioria das regiões de pecuária de menor monta comprava um menor número de cativos oriundos do tráfico.

²⁰ FARINATTI, Luís A. *Confins Meridionais: famílias de elite e sociedade agrária na fronteira sul do Brasil (1825-1865)*. Editora UFSM. Santa Maria 2010.

²¹ FLORENTINO & GÓES, José Roberto. *A paz nas senzalas: famílias escravas e tráfico atlântico. Rio de Janeiro, c. 1790 – c. 1850*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1997.

²² ARAÚJO, 2008.

²³ FARINATTI, 2006. p. 145.



Isso indica que a pecuária estava ligada sim à mão de obra escrava e, ao abastecimento de cativos via tráfico atlântico, mantendo as especificidades de cada região no que tange a compra de escravos. De fato, como Farinatti já afirmou, essa ligação era muito maior, era estrutural mesmo, principalmente no caso dos grandes estabelecimentos.²⁴ Por isso Alegrete tinha um maior percentual de escravos africanos quando comparamos com Cruz Alta e Caçapava, porque havia uma maior concentração de grandes estâncias naquela área.

Buscando outros dados para comparação com nossa pesquisa, temos o estudo referente a região do Bananal, localidade situada no Vale do Paraíba paulista, região de *plantations* de café, onde José F. Motta, utilizando as listas nominativas, encontrou para o ano de 1829, 78,2% de escravos africanos.²⁵ Vale ressaltar que esta região estudada por Motta tem características diferenciadas no que tange a sua economia, das que encontramos aqui. No entanto, acreditamos que é de extrema valia a busca por estes dados, isso colabora para termos uma noção um pouco mais alargada das especificidades da escravidão no Brasil.

Outra pesquisa que buscamos para devidas comparações é a de Versiani e Vergolino.²⁶ Por sua vez, estes autores utilizando-se de inventários *post mortem* apontaram alguns elementos referentes à escravidão para a região do Agreste de Pernambuco. Para esta área, os africanos representavam 40,3% do total de escravos presentes nas fontes analisadas por eles, já para a região do Sertão, os mesmos autores apontaram o percentual de 34,7%, apresenta números próximos aos de Caçapava.

Natália Pinto assinalou que em Pelotas uma região charqueadora, continha uma alta concentração de escravos, havia entre os anos de 1830 e 1840, 480 cativos, destes, 61% eram africanos.²⁷ Ou seja, os valores são muito superiores aos que encontramos para Caçapava, uma região de pequena pecuária. Claro, isso não é nenhuma surpresa, pois Pelotas era uma das regiões que mais continha escravos no Sul do Brasil. Isso, devido a grande demanda de mão de obra necessária para o trabalho nas charqueadas. De tal maneira, as localidades que cruzamos nossos dados, todas tinham uma maior concentração de escravos africanos, a que mais se aproxima é a vila

²⁴ FARINATTI, 2010.

²⁵ MOTTA, José F. *Corpos Escravos Vontades Livres: posse de cativos e família escrava em Bananal (1801-1829)*. São Paulo: Annablume, 1999.

²⁶ VERSIANI & VERGOLINO, 2003.

²⁷ PINTO, 2012.



de Cruz Alta. No entanto, essa soma de escravos africanos não é desprezível para esta localidade, demonstra que, embora modestamente, Caçapava conseguia adquirir alguns escravos de nação.

Em Pelotas, por exemplo, o número de escravos africanos difere do que visualizamos na tabela 4 para Caçapava. No universo pelotense, marcado por importante presença de charqueadas, os escravos africanos que representava 61% dos escravos no período de 1830 a 1840. Esse valor passa para 56% de africanos no período de 1841 a 1850, ou seja, o número de escravos africanos sempre foi superior a 50% nos dois momentos analisados por Natália Pinto.

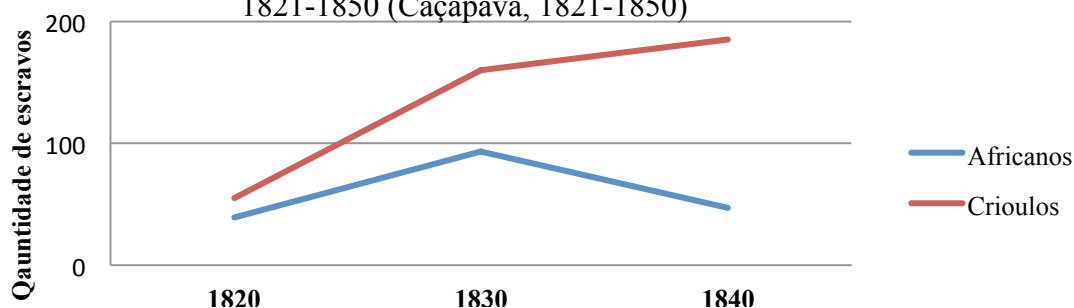
Por sua vez, como vimos, em Caçapava, podemos dizer dentre outras coisas, que ocorreu um acréscimo da reprodução interna das escravarias de Caçapava ao longo do tempo. Assim, os escravos com referência de origem, sempre a porcentagem de crioulos foi superior. Outro fator marcante que pode nos ajudar a entender essa “carência” de africanos pode ter sido a Guerra dos Farrapos (1835-45), que ocorreu entre as décadas de 1830 e 1840, isso pode ter dificultado a compra de escravos africanos. Outro elemento que pode ter sido um inibidor na busca de cativos “de nação”, talvez tenha sido uma elevação no valor destes escravos.

Em nossa análise dos dois períodos que correspondem às décadas de 1830 e 1840, e cruzando com o recorte analisado por Natália Pinto, foi possível visualizar que havia uma supremacia dos crioulos na população cativa de Caçapava, em que estes nunca tiveram taxas menores do que 50% de todos os escravos, e na década de 1840 chegando a 80% dos mesmos. Ou seja, é possível visualizar o comportamento de duas regiões completamente distintas, no que tange sua economia. Mas, Pelotas assim, como Caçapava não conseguem manter um padrão na manutenção de africanos em suas escravarias. Parece-nos que, as peculiaridades econômicas de cada região não influenciam muito nessa manutenção de escravos africanos.

Os dados do gráfico 3 nos ajudam a visualizar ainda melhor os números expostos na tabela 4. Percebemos uma crioulização nos plantéis de cativos em Caçapava, como já havíamos mencionados anteriormente.



Gráfico 3- Quantidade total de escravos com referência (Caçapava, 1821-1850 (Caçapava, 1821-1850))

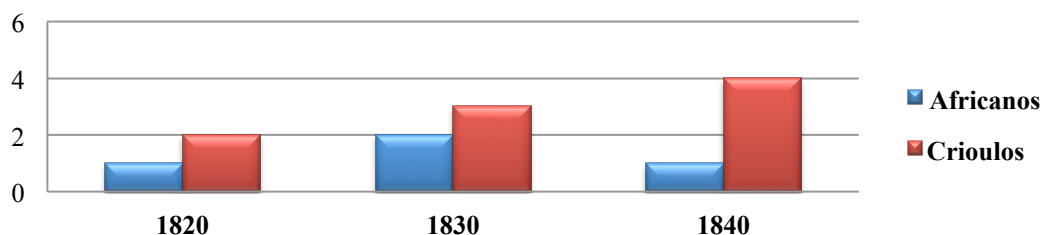


Fonte: 148 inventários *post mortem* de Caçapava, 1821-1850. Cartório de Órfãos e Ausentes, Cível e Crime.

As linhas do gráfico 3 deixam bem claro que a década de 1820 existia uma “certa paridade” nas porcentagens entre crioulos e africanos. Assim, não havia uma gritante diferença entre estas origens. Porém, a passagem para década de 1830 e posteriormente para a de 1840, ocorreu um decréscimo nos escravos africanos e um grande aumento de crioulos. Vale lembrar que os dados que foram utilizados na confecção deste gráfico 3, são referentes ao total cativos com origem.

Da mesma forma, utilizamos estes dados para termos as médias de escravos segundo suas origens para cada década, exemplificados no gráfico 4.

Gráfico 4 - Médias de escravos segundo a origem (Caçapava, 1821-1850)



Fonte: 148 inventários *post mortem* de Caçapava, 1821-1850. Cartório de Órfãos e Ausentes, Cível e Crime.

Esses dados colaboram ainda mais em nossa interpretação referente a esse aumento de escravos na década de 1840. Pode ser visto que na passagem de década de 1820 as médias de escravos segundo a sua origem era a seguinte, 1 escravo africano para 2 escravos crioulos. Esses números aumentaram no período seguinte, passando para 2 africanos para 3 crioulos. Já na década de 1830, as médias de africanos caíram, voltando a ser um escravo de nação por inventário, em contrapartida a média dos escravos crioulos seguiu crescendo e atingiu a marca de 4 cativos por processo.

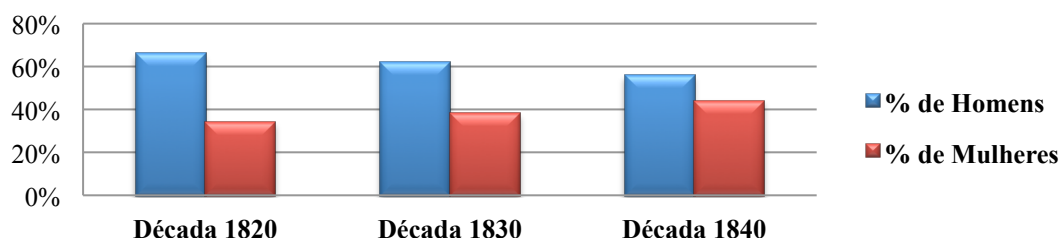


Portanto, é interessante notar que a evolução das médias de africanos por inventário decresceu de forma parecida com as percentagens (gráfico 6 das médias), entendemos que houve uma importante redução na entrada de africanos nesta localidade, com isso a diminuição proporcional não se deve apenas ao aumento de crioulos.

Infelizmente os inventários não continham as especificidades necessárias para todos os cativos serem identificados quanto a sua origem. Mas, por outro lado, podemos dizer com certeza a quantidade de mulheres e homens, bem como a relação da masculinidade presente nessa população escrava de Caçapava.

Dito isso, verificamos no gráfico 5 estes elementos referentes ao sexo, ou seja, temos as porcentagens que apontam a quantidade de escravos do sexo masculino e feminino. Com isso, além de termos uma noção do tamanho do plantel cativo para cada década, também temos elementos que apontam a variabilidade das porcentagens ao longo do tempo. No gráfico 7 deixamos isso bem evidenciado.

Gráfico 5 - Porcentagem de homens e mulheres escravos (Caçapava 1821-1850)



Fonte: 148 inventários *post mortem* de Caçapava, 1821-1850. Cartório de Órfãos e Ausentes, Cível e Crime.

Ao analisar as informações alusivas a quantidade de escravos homens, percebe-se que os valores nunca baixaram dos 50% em cada década, sendo que, na década de 1820, os valores em porcentagem atingiram 66%. Estes valores caíram no momento seguinte, chegando a 62%. Por fim, na dezena de 1840 as porcentagens que alcançaram 56% dos escravos eram indicadores do sexo masculino.

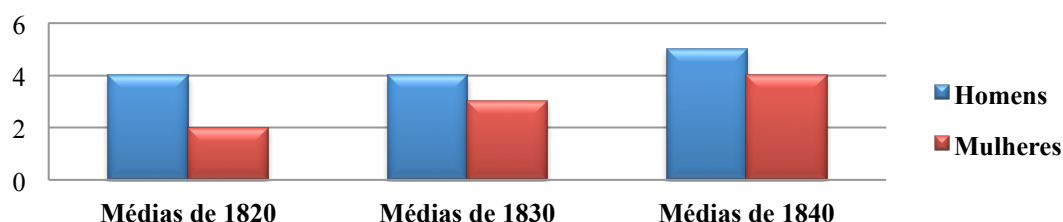
Portanto, nos três momentos analisados foi possível perceber uma maior presença de cativos do sexo masculino, nenhuma novidade para os trabalhos referentes à escravidão, apenas confirmando o que uma historiografia já vem mostrando para as regiões onde o abastecimento



através do tráfico africano tinha alguma importância. E isso é visível nas duas primeiras décadas, tendendo ao equilíbrio no período de 1840. Assim, a quantidade de mulheres aumentou significativamente, mas, nunca superou o plantel masculino em nenhum das três décadas aqui analisadas. Vejamos os gráfico 5 e o 6 a seguir, estes deixam mais claro estes números.

No gráfico 6 temos a médias de escravos segundo o sexo por inventário para cada década, com estes dados podemos a média de homens nas três dezenas é superior a das mulheres.

Gráfico 6 - Médias de escravos por inventário segundo o sexo (Caçapava, 1821-1850)



Fonte: 148 inventários *post mortem* de Caçapava, 1821-1850. Cartório de Órfãos e Ausentes, Cível e Crime.

Mais uma vez os dados nos apontam para a década de 1840 com maior número de escravos, conseqüentemente as suas médias também foram mais elevadas. Como percebe-se no gráfico 6, a média de homens sempre foi superior a das mulheres, nunca baixando de quatro escravos, e atingindo o máximo de cinco cativos do sexo masculino. As mulheres por sua vez, tiveram um aumento gradativo de suas médias no decorrer das décadas. O elemento central para analisar esses dados é o tráfico de cativos, pois a quantidade superior de homens sempre foi uma necessidade das localidades. Conforme o tráfico vai diminuindo sua intensidade, a paridade entre os sexos tende a ser semelhante, isso está bem visível no gráfico 4.

Uma superioridade numérica da população escrava do sexo masculino foi, também, visualizada em outras regiões. Em Alegrete, por exemplo, Farinatti, analisando os inventários com bens rurais, aponta um grande desequilíbrio na relação do sexo dos cativos, havendo uma maior predominância de homens, com uma proporção de 36% de mulheres escravas em todo o período estudado, que vai de 1831 a 1850.²⁸

²⁸ FARINATTI, 2010.



Segundo Natália Pinto, em Pelotas, a quantidade dos escravos e sua distribuição segundo o sexo era a seguinte;

665 eram escravos africanos, sendo que 75,5% eram homens e 24,5% mulheres, apresentando uma razão de masculinidade ou de sexo de 307,97% (sic). Por sua vez, em relação aos crioulos foram constatados 477 cativos, sendo - 57,02% homens e 42,98% mulheres, tendo uma taxa de masculinidade em torno de 132,58% (sic). Os números apontam que a comunidade africana escrava em Pelotas tinha, como era de se esperar, um maior número de homens, que certamente era um empecilho na formação familiar desses indivíduos.²⁹

Para região de Cruz Alta no período de 1834-1849, a distribuição de escravos segundo o sexo foi caracterizada da seguinte forma: os homens representavam 54% da população escrava. Logo, as mulheres escravas representavam 46%.³⁰

Na tabela 5, temos as médias de escravos africanos em diferentes localidades do Brasil. Com essa análise, fica mais visível a base econômica de cada região com a quantidade de africanos que eram utilizados como mão de obra. Para Caçapava, por se tratar de uma economia de pequeno e médio porte e tendo uma agricultura de abastecimento, a porcentagem de escravos africanos pode ser considerada relevante. Além disso, fica implícito a grande maioria de escravos crioulos desta localidade, como também pode ser diagnosticado para outras regiões, com a exceção de Pelotas, que possuía mais de 50% de suas escravarias com escravos com cativos de nação, como apresentamos na tabela a seguir.

Tabela 5 – Porcentagem de escravos africanos nas diferentes localidades

Localidade	% africanos sobre população total	Base econômica da localidade
Caçapava	31%	Pecuária de pequeno e médio porte e agricultura de abastecimento.
Cruz Alta	33%	Pecuária de pequeno e médio porte e agricultura de abastecimento
Alegrete	42,4%	Pecuária de grande porte.
Pelotas	61%	Charqueadas
Sertão de Pernambuco	34,7%	Pecuária de pequeno e médio porte e agricultura.

²⁹ PINTO, 2012. p. 61.

³⁰ ARAÚJO, 2008.



Fonte: Versiani e Vergolino (2003); Araújo (2008); Farinatti (2006); Pinto (2012). 148 inventários *post mortem* de Caçapava, 1821-1850. Cartório de Órfãos e Ausentes, Cível e Crime.

No geral da amostra de inventários trabalhada para Caçapava, encontramos um total de 640 homens, isso representava 60%. Por sua vez as mulheres escravas eram 432, representado 40% dessa população cativa. Já a razão de masculinidade (número de homens para 100 mulheres), entre os cativos era de 148. O exame desses dados nos sinaliza para uma hipótese geral, aqui, de uma presença não desprezível de africanos que chegava a 31% como pode ser visto na tabela 5. Para essa população estudada por meio dos inventários *post mortem*, mostramos que a presença de homens era maior, os elementos que ligavam essa localidade com o tráfico podem nos auxiliar no entendimento dessa quantidade superior de homens escravos, pois estes eram mais procurados. No entanto, esses números de uma supremacia masculina tenderam a baixar seus valores na década de 1840, pois foi visto uma diminuição na presença de africanos, de tal forma, isso influenciou também na queda da masculinidade, pois estes elementos estão ligados, assim, são entendidos de forma conjunta. Assim sendo, isso nos mostrou que a década de 1840 foi um período em que as unidades produtivas não conseguiram adquirir escravos africanos como nos períodos anteriores. Como já afirmamos acima, talvez as guerras, o preço e o fim do tráfico, tenham sido os grandes vilões na manutenção das senzalas dos proprietários de cativos de Caçapava.

Bibliografia

Arquivo Público do Estado do Rio Grande do Sul (APERS), Inventários *post mortem* do município de Caçapava do Sul, do período de 1821 a 1850.

ARAÚJO, Thiago Leitão de. *Escravidão, fronteira e liberdade: políticas de domínio, trabalho e luta em um contexto produtivo agropecuário (vila de Cruz Alta, província do Rio grande do Sul, 1834-1884)*. Porto Alegre: PPGH/UFRGS, 2008. (Dissertação de Mestrado)

BERUTE, Gabriel do Santos. *Dos escravos que partem para os portos do sul: características do tráfico negreiro do Rio Grande de São Pedro do Sul, c. 1790- c. 1825*. Porto Alegre: UFRGS-PPGH, 2006 (Dissertação de Mestrado).

BARICKMAN, Bert. *Um Contraponto Baiano: açúcar, fumo, mandioca e escravidão no Recôncavo, 1780-1860*. Civilização Brasileira. Rio de Janeiro, 2003.

CORRÊA, André Nascimento do. *Roceiros, campeiros e domadores: o ofício do trabalho escravo na Vila de Caçapava (1831-1839)*. Revista Latino-Americana de História. Vol. 1, nº. 3. São Leopoldo. Março de 2012. Edição Especial – Lugares da História do Trabalho.



_____. *Ao Sul do Brasil Oitocentista: escravidão e estrutura agrária em Caçapava, 1821-1850*. Santa Maria: UFSM-PPGH, 2013. (Dissertação de Mestrado)

FARINATTI, Luís A. *Escravos do Pastoreio: Pecuária e escravidão na fronteira meridional do Brasil (Alegrete, 1831-1850)*. Revista Ciência e Ambiente, n. 33 (jul/dez, 2006) Santa Maria: UFSM, 2006.

_____. *Confins Meridionais: famílias de elite e sociedade agrária na fronteira sul do Brasil (1825-1865)*. Editora UFSM. Santa Maria 2010.

FLORENTINO & GÓES, José Roberto. *A paz nas senzalas: famílias escravas e tráfico atlântico*. Rio de Janeiro, c. 1790 – c. 1850. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1997.

FRAGOSO, João. PITZER, Renato. *Barões, Homens Livres Pobres e Escravos: Nota sobre uma fonte múltipla – inventário post-mortem*. In.: Revista Arrabalde. Ano I, nº2, set/dez. 1988.

MATHEUS, Marcelo S. *Fronteiras da Liberdade: escravidão, hierarquia social e alforrias no extremo sul do Império do Brasil*. São Leopoldo: Oikos, Editora Unisinos, 2012.

MOTTA, José F. *Corpos Escravos Vontades Livres: posse de cativos e família escrava em Bananal (1801-1829)*. São Paulo: Annablume, 1999.

_____. *O Império Português ao Sul da América: estancieiros, lavradores e comerciantes*. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2008.

PERUSSATO, K. Melina. *Como se de ventre livre nascesse: experiências de cativo, parentesco, emancipação e liberdade nos derradeiros anos da escravidão - Rio Pardo/RS, c. 1860 - c. 1888*. São Leopoldo Unisinos-PPGH, 2010 (Dissertação de Mestrado).

PINTO, Natália. *A Benção Compadre: Experiências de parentesco, escravidão e liberdade em Pelotas, 1830/1850*. Universidade do Vale do Rio dos São Leopoldo Unisinos-PPGH, 2012. (Dissertação de Mestrado).

VERSIANI, Flávio Rabelo & VERGOLINO, José Raimundo Oliveira. *Posse de Escravos e Estrutura da Riqueza no Agreste e Sertão de Pernambuco: 1777 – 1887*. Est. Econ., São Paulo, V.33, Nº2. P. 353 – 393. Abril – Junho 2003.